

# Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal.

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve | 09 de  
março 2022

Apresentação do catálogo da exposição.

---

António Faustino Carvalho<sup>1</sup>

A apresentação pública desta obra na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (UALg) teve lugar a 9 de março do corrente ano, tendo contado com a presença do Diretor do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), Dr. António Carvalho, e do Vice-Reitor para a Investigação e Cultura da UAlg, por coincidência também pré-historiador, Prof. Doutor Nuno Bicho. Coube-me a apresentação sumária da mesma, o que pôde acontecer perante uma ampla audiência que incluiu um número muito apreciável de estudantes de todos os ciclos de estudo e diversos técnicos superiores de municípios algarvios e da tutela, além de outros interessados.

Este volume, cuja coordenação científica esteve a cargo de Primitiva Bueno Ramírez (da Universidade de Alcalá de Henares, Madrid) e de Jorge Soler Díaz (da Universidade e do Museu de Alicante), foi coeditado em 2021 pelo MNA e pela Imprensa Nacional, tem 357 páginas, a cores e de excelente qualidade gráfica, onde se podem ler 15 diferentes contribuições redigidas por mais de uma vintena de investigadores que se dedicam a estas temáticas, a que se somam diversos textos introdutórios por parte de responsáveis pela publicação do volume e pela exposição com o mesmo nome — de que aquele é a expressão material perene — que esteve patente no MNA o ano passado.

Nestas linhas, como naquela ocasião, é necessária uma prévia declaração de interesses: como autor que contribuiu para esta obra, e que está assim de alguma forma próximo do seu processo de elaboração, poderei estar a sobrevalorizar a importância da mesma, mas penso genuinamente que não. Com efeito, como o próprio subtítulo indica, estamos perante o estado da arte de um tema muito específico que, no nosso País, raramente tem sido tratado em obras de conjunto: as representações humanas, materializadas sob diversas formas, em distintos contextos e preservadas em múltiplos suportes, por parte das sociedades agro-pastoris da Pré-História recente. A atualidade dos elementos tratados e o

---

<sup>1</sup> Professor Auxiliar com Agregação da Universidade do Algarve

caráter sistemático e representativo dos mesmos é, penso, garantia da longevidade de que esta obra se irá seguramente revestir.

Na minha perspetiva, entendo como profundamente radicais a todos os títulos — ou mesmo revolucionárias — as transformações ocorridas aquando do início daquela fase multimilenar do nosso passado pré-histórico, início a que convencionámos apelar de período neolítico. Mais: que muitas das questões prementes dos nossos dias têm, em última instância, as suas raízes nessas transformações. Ainda que de forma necessariamente rápida, ponhamos literalmente olhares milenares — como titulado nesta obra — nos impactos sobre o ambiente que decorrem das práticas de desflorestação associadas a atividades agrícolas e pastoris, mesmo nas suas formas mais tradicionais; no contínuo aumento demográfico à escala global, só permitido pelas sucessivas “revoluções agrícolas” que se documentam desde o Neolítico; no conseqüente surgimento daquilo a que chamamos vida urbana, resultado desse aumento populacional e dos fenómenos de agregação a que conduziu; na acentuação de formas de desigualdade social a diversos planos que cocorreram com o surgimento daquelas atividades e com a concentração de um crescente número de seres humanos em espaços restritos; e, finalmente, ponhamos olhares milenares em novas mundivisões que todos estes processos acarretaram e às quais acedemos apenas indiretamente — ou seja, e como é sabido, a partir das suas manifestações materiais e dos significados que tentativamente lhes tentamos extrair. É sobre este último tópico que se dedicava aquela exposição e se dedica o volume que dela nasceu. Através dos seus capítulos encontramos um vasto conjunto de testemunhos, heterogéneos na sua natureza e com diferentes graus de pertinência, mas que apontam para a ideologia, a religião — se quisermos utilizar este termo quando lidamos com sociedades pré-históricas — ou mesmo o modo em como se autorrepresentavam estas sociedades.

Não cabe naturalmente fazer aqui uma apreciação e valorização individual de cada contribuição. Penso que nada substitui a sua leitura direta. Mas sinteticamente, na apresentação que fiz, salientei duas grandes conclusões que me parecem óbvias mas ainda assim merecedoras de sublinhado: em primeiro lugar, o carácter profundamente antropomórfico destas representações (no que se distinguem da arte paleolítica, essencialmente zoomórfica) associadas a signos abstratos, o que conduz a uma mais ou menos forte esquematização, visível tanto na arte parietal como nos ídolos propriamente ditos. Em segundo lugar, ressalta que estamos também perante um processo que se inicia claramente no Neolítico Antigo, há sete mil e quinhentos anos, mas que se vai complexificando e diversificando ao longo de todas as etapas subsequentes, culminando três mil anos depois no Calcolítico. Isto mesmo se percebe do modo mais simples possível: bastará que se contabilize o número relativo de capítulos que encontramos sobre cada um desses períodos.

Aos leitores desta nota que (ainda) não tiveram oportunidade de percorrer o volume, penso que ocorrerá neste momento querer saber, afinal, como eram e como nos surgem estas figuras humanas ou divinas. Permitam-me então que me socorra destas curtas passagens redigidas pelos próprios coordenadores da obra, que seleciono e retiro da página 27, e que me parecem excelentes ilustrações escritas do que temos perante nós: são “imagens de corpos humanos que, presumivelmente vestidas com mantos com decorações geométricas, por vezes com capuzes ou adornos na parte superior da cabeça e penteados sofisticados (tranças elaboradas), se exibem geralmente de pé, frente ao espetador. [...] As pequenas figurinhas que nos ocupam revelam também o valor dos elementos externos para informar sobre o estatuto, proveniência, género, idade e trajetórias sociais, para além de crenças, relatos funerários e quotidianos. [...] As narrativas dos abrigos pintados descrevem eventos de agregação social que se expressam através de danças (nas quais podemos deduzir o papel da música), exposição de linhagens e alusões à caça, que provavelmente evocam os antepassados. Presididas pelo Sol, estas cenas são dispostas em abrigos e grutas de orientação preferencial para leste ou leste e sudeste, como os próprios megálitos.”

**Referência bibliográfica:** Bueno Ramírez, P. & Soler Díaz, J., coord. *Ídolos: Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM)/Museu Nacional de Arqueologia, 2021.